

Um novo tempo: sobre o encontro emocional com crianças e adolescentes no *setting* on-line

MARIA CECÍLIA PEREIRA DA SILVA¹

RESUMO: Este trabalho apresenta algumas reflexões que surgiram do trabalho on-line com crianças e adolescentes. Inicia pela observação de bebê, que ilustra o nascimento dos primeiros vínculos, da relação de intimidade e da necessidade do outro para integração dos diversos sentidos e percepções sensoriais. Destaca a importância da narrativa, da sintonia, da sincronicidade e da empatia para um verdadeiro encontro emocional. Aponta como no trabalho on-line o analista terá que aguçar e iluminar suas percepções de toda ordem para transformar o *setting* on-line em uma experiência transmodal e tridimensional, favorecendo o encontro emocional na experiência analítica. Apresenta os recursos com os quais o analista conta para funcionar o processo analítico e ilustra com situações clínicas. Conclui que a paixão, a capacidade de pensar, de sonhar e de imaginar, e o compromisso com a verdade, são o que possibilitam que o fazer psicanalítico se mantenha vivo nesse momento tão difícil em que vivemos.

PALAVRAS-CHAVE: *setting* on-line, psicanálise de crianças e adolescentes, observação de bebês, contratransferência-transferência.

A new time: About the emotional encounter with children and adolescents in the online setting

ABSTRACT: This work presents some reflections that arose from working online with children and adolescents. It starts with baby observation that illustrate the birth of the first bonds, the relationship of intimacy and the need for the other to integrate the different senses and sensory perceptions. It highlights the importance of narrativity, attunement, synchronicity and empathy for a true emotional encounter. It points out how, in online work, the analyst must sharpen and illuminate his perceptions of all kinds in order to transform the online setting into a transmodal and three-dimensional experience favoring the emotional encounter in the analytical experience. It presents the resources that the analyst relies on to run the analytical process and illustrates with clinical situations. It concludes that passion, the ability to think, to dream and to imag-

¹ Membro efetivo, analista didata, analista de crianças e adolescentes e docente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Pós-doutora e doutora em Psicologia Clínica e mestre em Psicologia da Educação pela PUC-SP. Endereço para correspondência: Rua Cristiano Viana, 401/407, CEP: 05411-000 – São Paulo, Brasil mcpsilv@gmail.com

ine, and the commitment to the truth, are what make it possible to make psychoanalytic to stay alive in this very difficult moment in which we live.

KEYWORDS: online setting, psychoanalysis of children and adolescents, infant's observation, countertransference-transference.

*No novo tempo/Apesar dos perigos/Da força mais bruta
Da noite que assusta/Estamos na luta/ Pra sobreviver
Pra que nossa esperança/Seja mais que vingança/
Seja sempre um caminho/Que se deixa de herança*
Ivan Lins²

Neste artigo, gostaria de compartilhar algumas reflexões sobre esse “Novo Tempo”, fruto do trabalho com meus pacientes durante a pandemia, com quem tenho coconstruído, cocriado e coinaugurado a experiência clínica no *setting* on-line, assim como dado continuidade e manutenção aos processos analíticos, com musicalidade, intimidade e encontro emocional. Com a chegada da pandemia, passei a atender todos meus pacientes on-line: crianças, adolescentes e adultos. Diante do desafio frente a esse misterioso desconhecido, acompanhada de todas as dúvidas quanto a como seria, experimentei esse futuro incerto com o desejo de vir a conhecer e agradeço aos meus pacientes que aceitaram essa aventura. Além disso, mantive-me acompanhada pela capacidade de sonhar, de imaginar e de brincar, pois estas não ficam confinadas (Bion, 1962/1990; Freud, 1920/1966; Klein, 1952; Meltzer, 1984; Winnicott, 1951/1958 ;). A possibilidade de mantermos vivas nossa curiosidade e capacidade imaginativa, de ter esperança proporciona vários horizontes, oferece uma perspectiva de futuro e permite irmos adiante.

A sala de análise é o lugar ideal para o exercício de nossa profissão. Trabalhamos com a relação transferência-contratransferência entre o real e a fantasia, em que uma fantasia é vivida como realidade psíquica, e com a possibilidade de expressão de fantasias terroríficas, invejosas e destrutivas. Projeções de todos os tipos em um lugar seguro e discriminado dos outros ambientes habitados pelo paciente.

Muitas perguntas surgem: o que acontece quando analista e analisando são capturados pela mesma situação traumática e, nessas condições, como promover transformações? Como elaborar os conflitos parentais recheados de fantasias complexas, ao lado fisicamente dos pais, sem a privacidade das quatro paredes e das duas portas do consultório?

² *No novo tempo/Apesar dos castigos/Estamos crescidos/Estamos atentos/Estamos mais vivos/
Pra nos socorrer/Pra nos socorrer/Pra nos socorrer/No novo tempo/Apesar dos perigos/Da
força mais bruta/Da noite que assusta/Estamos na luta/Pra sobreviver/Pra sobreviver/Pra
sobreviver/Pra que nossa esperança/Seja mais que vingança/Seja sempre um caminho/Que
se deixa de herança/No novo tempo/Apesar dos castigos/De toda fadiga/De toda injustiça/
Estamos na briga/Pra nos socorrer/Pra nos socorrer/Pra nos socorrer/No novo tempo/Apesar
dos perigos/De todos os pecados/De todos enganos/Estamos marcados/Pra sobreviver/Pra
sobreviver/Pra sobreviver/Pra que nossa esperança/Seja mais que vingança/Seja sempre um...*

Como se manifestam as transferências negativas, e como lidar e tolerar os ataques agressivos on-line? Como manter os vínculos de intimidade e promover o encontro emocional? Como tolerar as pausas, os turnos, os silêncios? Como lidar com as crianças em um *setting* restrito à tela, sem todo o espaço de circulação da sala de análise? Como torná-lo tridimensional? Para pensar sobre essas questões, parto da constituição dos primeiros laços emocionais, exemplificando com uma cena de observação de bebê, para destacar os recursos do analista que possibilitam a continuidade do trabalho nesse novo contexto, ilustrando com vinhetas de sessões on-line.

Como se constituem os primeiros vínculos?

A observação da relação pais-bebê, segundo o método de Esther Bick (1948/1967), é uma experiência privilegiada para descobrirmos como se dão a constituição dos vínculos iniciais e as relações de intimidade. Entrar na intimidade de uma família para observar a chegada de um bebê é uma experiência inusitada. É maravilhoso observar, em especial, a hora da amamentação, a troca de olhares entre mãe e bebê, o toque das mãozinhas do bebê ao seio como um momento sagrado (Winnicott, 1965/1994) e como um encontro com a beleza estética do objeto (Meltzer & Harris, 1988/1990). Mas muitas vezes o observador se depara com mães com pouca disponibilidade emocional, mais ligadas às mídias, aos celulares e às demandas sociais e profissionais do que aos estados infantis, arcaicos e não verbais, distantes do estado de preocupação materna primária, dos estados regressivos e das relações emocionais com o bebê, dificultando o estabelecimento de uma relação de intimidade (Silva, 2019).

Henrique³ – 10 meses e 2 semanas

Henrique está no colo da mãe. Acabou de mamar e se olham apaixonadamente. Depois de alguns minutos, Henrique desce do colo e explora os brinquedos do chão. Então a mãe o convida para ir à cozinha preparar alguma coisa. O bebê dirige imediatamente seu olhar para ela e começa a engatinhar em sua direção. Ele chega na cozinha e se posiciona entre a mãe e a bancada. A mãe oferece alguns brinquedos de cozinha para o filho: uma colher de plástico e um tubo de temperos preenchido com arroz. Ele pega o tubo (como se fosse um chocalho) e balança para cima e para baixo.

– Você vai cozinhar também, filho?

A partir daí, há um diálogo entre os dois. A mãe, virada para a pia, lavando a louça, ia perguntando coisas para ele, e ele (sem olhar para ela, mas entretido com o chocalho) ia emitindo sons.

³ Agradeço à Martha Almeida pela cena dessa observação.

- Me conta o que você vai fazer...
- mmmgh... mmmgh...
- Nossa. Essa receita eu não conheço. Será que é boa?
- ghhhr... ghhhr...
- Ah... então tá. Depois a gente prova juntos.
- rrhahh...rrhahh...
- Nossa! É mesmo?

As falas foram intercaladas. Ora um, ora outro. No final do diálogo, porém, elas se sobrepuseram, com sintonia e engajamento.

A essência do "estar-com-outra-pessoa", que constitui os vínculos do apego, para além da vitalidade e da cumplicidade do bebê, ilustra a sintonia e a sincronicidade da mãe com o bebê e a comunicação engajada, um diálogo de emoções (Prat, 1992) em que a mãe vai narrando e convocando o bebê para a interação em profunda intimidade. Ela sabe o que funciona com o bebê e atende às suas necessidades emocionais, alternando as brincadeiras, respeitando o ritmo e o desejo do bebê. É uma verdadeira relação de intimidade da dupla, pois a mãe compreende as demandas emocionais e as comunicações não-verbais no *timing* do bebê, e o bebê expressa sua paixão pelo objeto materno (Silva, 2019). Podemos também observar o encontro prazeroso do bebê com o seio⁴, conforme descrevi anteriormente, como um momento sagrado (Winnicott, 1965/1994) e como a beleza estética de um encontro com o objeto (Meltzer & Harris, 1988/1990), enquanto aspectos constitutivos dos primeiros vínculos.

Há alguns elementos que estão presentes na dupla mãe-bebê e no encontro analítico:

1 – Sobre o estabelecimento de uma relação de intimidade

Meltzer (1982/1984) define uma relação de intimidade como uma ligação emocional intensa, rica e profunda. Essa relação de intimidade, apoiada na relação continente/contido, tem como qualidade ser "delimitada pela atenção seletiva", ser um lugar confortável, protegido de "toda estimulação irrelevante que emana do interior do corpo" e ser um lugar de exclusividade e continência.

O desenvolvimento emocional depende da possibilidade de vivermos a intimidade nas primeiras relações e de termos nossas necessidades afetivas atendidas e compreendidas pela disponibilidade e *rêverie* maternas.

⁴ Meltzer (1979 [1975]) descreve que para o bebê o momento da amamentação é como um tempo de "atração consensual máxima" evoca bem esse processo, pois, segundo esse autor, durante a mamada, o bebê sentiria temporariamente que as diferentes percepções sensitivo-sensoriais provenientes de sua mãe (seu cheiro, sua imagem visual, o gosto de seu leite, seu calor, sua qualidade tátil, sua sustentação...) não são independentes umas das outras, isto é, não são clivadas ou "desmanteladas" de acordo com as diferentes linhas de sua sensorialidade pessoal (a do bebê), mas, ao contrário, são temporariamente "manteladas" durante o tempo da mamada e, nessas condições, o bebê teria acesso à vivência pontual de que existe, de fato, um esboço de um outro, exterior a si próprio, verdadeiro pré-objeto que já sinaliza a existência de um tempo de intersubjetividade primária.

Diante de um estado de confusão e de incapacidade para pensar do cuidador a respeito da experiência emocional que o bebê/criança estiver vivendo, será a capacidade de continência e *rêverie* do analista/observador que promoverá a integração e o processo de simbolização e de pensamento, rumo à experiência de intimidade.

Acredito que o observador, com sua capacidade de *rêverie* e continência, também contribui para que o bebê possa ter a experiência de se sentir compreendido no encontro com esse objeto observador e com sua mãe, vivendo relações de intimidade e a descoberta estética da beleza do objeto, integrando partes de si mesmo e desenvolvendo sua capacidade de pensar. Sabemos que o encontro do bebê com a mãe, ao nascer, é a sua primeira experiência estética repleta de paixão. O encontro com os lindos seios e olhos maternos, unidos à capacidade da mãe de digerir suas primeiras emoções e desconfortos por meio de sua função alfa e de *rêverie*, inunda o bebê de admiração e curiosidade, o que o instala no processo de pensar (Meltzer & Harris, 1988/1990; Houzel, 1991). O mesmo ocorre no encontro analítico, em que o continente não é só a mente do analista, mas é formado por um "encaixe" da atenção do analista com a capacidade de cooperação do paciente (Meltzer, 1986).

2 – Sobre a importância da narratividade

A função da narratividade é ligar. Promove a integração dos diversos sentidos e mais tarde constrói nossa biografia emocional. Golse sugere distinguindo 4 níveis da narratividade:

- Narratividade sensorial: uma narratividade perceptiva que depende do trabalho psíquico do outro para integrar as experiências sensoriais do bebê (uma sintaxe sensorial dos bebês);
- Narratividade corporal: aquilo que o bebê contará por meio de seu corpo, de seus comportamentos, figurações corporais pré-simbólicas, como as espirais de retorno propostas por Haag⁵;
- Narratividade por meio de imagens mentais: trata-se de uma narratividade muito eficaz que utilizamos antes de termos uma narratividade verbal, evidente nas crianças que ainda não dispõem da linguagem;
- Narratividade verbal: que surge no decorrer do 2º ano de vida da criança e se integra às outras narratividades, quando somos capazes de contar as coisas por meio das palavras. Pode ser fragmentada em palavras, frases, sílabas e poderá transmitir as ideias, os conceitos, os pensamentos. Poderá, ainda, narrar nossa biografia e história de emoções.

⁵ Haag descreve as espirais de retorno, no tempo da comunicação pré-verbal, do sorriso, das mímicas, das expressões faciais, dos comportamentos, dos movimentos. Toda essa comunicação pré-verbal prepara a comunicação verbal que virá mais tarde. A comunicação pré-verbal, chamamos de analógica. Porque é necessário que haja uma analogia entre o comportamento e o afeto que é subjacente. A comunicação verbal é chamada de digital porque pode ser entrecortada em pequenos dígitos de informação. Por outro lado, a comunicação analógica não pode ser fragmentada – um sorriso é um todo, deve ser aceito ou recusado, não pode ser cortado em pequenos pedaços, veicula afetos e emoções. A comunicação pré-verbal prepara a comunicação verbal, e em seguida elas funcionarão juntas durante toda a vida.

As marcas sensoriais vividas pelo bebê serão interligadas pela narratividade. No encontro analítico, a linguagem pré-verbal, como um circuito de troca de emoções, destacado por Bion, deverá ser integrada à nossa escuta de uma forma transmodal⁶, como assinalou Stern (1992), e tridimensional, como propôs Meltzer (1975/1979).

Será a função narrativa do analista – a construção narrativa como uma maneira de encontrar, com o paciente, um significado, de forma dialógica, sem muitas cesuras interpretativas (Ferro, 2000), que será convocada no *setting on-line*. A partir das ideias de Bion e Ferro, a função narrativa do analista (Silva, 2013; 2016) se configura como uma paixão, uma emoção compartilhada, exercitada no seio das sessões, a partir do campo analítico (Baranger & Baranger, 1962). Trata-se de uma ampliação da curiosidade, como um componente não só indispensável, mas primordial, que contribui para a integração dos diversos sentidos. A função de *rêverie*, digerindo as identificações adesivas (Bick, 1968/1991; Meltzer, 1975/1986) e projetivas (Klein, 1946/2004), emerge na forma de uma narrativa, especialmente nos casos em que houve situações traumáticas precoces inacessíveis e não representadas, ou nos transtornos do espectro do autismo.

3 – Sobre a importância da sintonia, do engajamento e da empatia

No estudo descrito por Hobson (2004), realizado por Lynne Murray e Colwyn Trevarthen (2011), é possível observar a capacidade de sintonia e de engajamento dos bebês. Esse estudo contou com bebês de dois e três meses, sozinhos, em frente a uma televisão que mostrava a mãe do bebê ao vivo, olhando para ele. A mãe estava em outra sala, em frente a uma câmera, também assistindo a uma televisão, de modo a poder ver a imagem ao vivo do seu bebê olhando para ela. As imagens eram transmitidas por essa ligação bidirecional.

Apesar do digital, mãe e bebê conseguiam se engajar um com o outro por meio do vídeo, até ser introduzida uma perturbação. No caso, o perturbador na interação foi uma demora de apenas trinta segundos entre os fatos, nos dois extremos da ligação de vídeo. Nessa sequência, quando o bebê age e observava o monitor de vídeo, ele via a mãe respondendo às suas ações de trinta segundos antes. Não que as respostas anteriores da mãe fossem desagradáveis. Elas eram apenas adequadas para um momento diferente, e não estavam em sintonia com o que o bebê expressava no momento. A introdução da demora teve o efeito de gerar uma grande angústia no bebê. Com frequência, ele desviava os olhos da imagem da mãe para, a seguir, dar rápidas olhadas de novo para a tela – um conjunto de reações

⁶ Daniel Stern (1992) descreve o processo de integração dos vários sentidos ou canais sensoriais enquanto percepções amodal, multimodal ou transmodal, presentes no desenvolvimento do bebê. Esses canais sensoriais se integram para reconhecimento, generalização, abstração e atribuição de sentido a uma nova experiência. No trabalho on-line essa integração na consensualidade demanda do analista apurar seus recursos para captar os diversos sentidos.

bastante diferente das que ocorreram quando a mãe apenas desviava o olhar para o lado. As interações é que não estavam em sintonia e, portanto, tornaram-se perturbadoras.

A partir desse estudo, podemos concluir que os bebês, mesmo os muito pequenos, têm uma vida mental organizada que se expressa no comportamento inatamente formado para sincronizar com o comportamento social de outras pessoas. Ainda, ressalta as possibilidades de os bebês estabelecerem intercâmbios sociais reciprocamente sensíveis e esclarece como até bebês muito pequenos percebem e reagem a expressões de emoção em outras pessoas, ilustra a sintonia afetiva entre um indivíduo e outro.

A constituição dos primeiros vínculos tem a ver com o encontro com o seio da mãe, com sua recepção festiva ao primeiro olhar, primeiro sorriso, primeiro passo ou primeira palavra do bebê, com a capacidade empática da mãe em supor um sujeito no bebê, com suas diversas demandas. Esse modelo também nos ajuda a pensar na constituição de uma relação de intimidade no vínculo analítico. E, para além de trocas interpessoais de alegria e de tristeza, a percepção recheada de sentimentos é um aspecto abrangente do engajamento pessoal do bebê (Golse, 2003; Hobson, 2004; Stern, 1992).

E como manter essa qualidade de vínculo e intimidade no *setting* on-line? Precisamos aguçar nossa escuta analítica para iluminar e contemplar a intimidade, o ritmo, a narratividade, a sincronia, a sintonia, a integração dos diversos sentidos, a flexibilidade, a maleabilidade, a continência e a *rêverie*.

Que recursos nós temos para manter o processo analítico on-line?

Nesse novo tempo, destaco alguns recursos que promovem o encontro analítico na clínica on-line:

A capacidade de continência: Assim como somos capazes de ter continência diante das turbulências emocionais ou resistências, diante das tempestades, congestionamentos ou outros obstáculos que impedem o encontro analítico no *setting* presencial, também contamos com essa capacidade de continência para todas as adversidades presentes no *setting* on-line, como queda do sinal, falta de bateria, entre outros.

A capacidade negativa e a tolerância às incertezas e imprevisibilidades, próprias de qualquer fazer psicanalítico, diante da pandemia, são exigidas ao extremo para lidar com as angústias de nossos pacientes diante do desconhecido. Diante de tantas incertezas, nossa capacidade de continência para o inevitável, o imprevisível, é colocada em primeiro plano.

A sensibilidade para a escuta de estados arcaicos da personalidade, buscando representação para experiências de um tempo sem palavras, assim como para integrar vivências sensoriais captadas, oferece narratividade que transforma a bidimensionalidade da tela em uma dimensão tridimensional (Meltzer, 1975/1979).

A *maleabilidade psíquica*, para manejar as situações inesperadas que se apresentam nas situações clínicas presenciais, levamos para o trabalho on-line (Roussillon, 2019). E ser capaz de coconstruir, cocriar (Lebovici, 1986; 1991; 1993) junto com os pacientes esse novo *setting*.

A *capacidade de pensar* se faz presente na manutenção do foco no intrapsíquico, abstraindo o entorno para escutar o diálogo dos objetos internos. Como aponta Meltzer (1992): "Pensar por si mesmo significa pensar com o objeto interno", pois "o objeto interno integrado aprende antes do *self* e, quase com certeza, é a fonte do pensamento criativo e da imaginação" (p. 59). Isso não é "simplesmente uma questão de continência, proteção, conforto, prazer, e assim por diante. É uma questão de *um objeto que pode desempenhar* esta função específica, que cria símbolos através dos quais o sonhar e o pensar podem prosseguir" (p. 38).

O *escrutínio de experiências* contratransferenciais e suas elaborações presentes na escuta e nas intervenções, alicerçam o vínculo e a interação analítica. Tanto Bion quanto Meltzer ressaltam o impacto dos elementos não verbais na contratransferência, oferecem mais vitalidade às interpretações no encontro analítico. Meltzer acreditava que a psicanálise sobreviveria: em primeiro lugar, porque ela ajudava na formação de símbolos e, em segundo, por conta da interação transferência-contratransferência, que constituía um método novo de fazer isso. O método, em si, é o "objeto estético" e, por meio do "escrutínio da contratransferência", ele facilita a emergência de símbolos, encontrando uma convergência ou reciprocidade entre analista e analisando" (Meltzer & Harris, 1988/1990). Diante da imprevisibilidade que a pandemia apresenta à dupla analítica, demanda do analista uma reflexão minuciosa sobre o manejo dos aspectos contratransferenciais e transferenciais.

Integração dos diversos sentidos: No trabalho on-line sinto que precisei aguçar ainda mais meus sentidos para alcançar da forma mais total as situações transferenciais. Ampliar meu radar para rastrear sinais sensoriais, emoções, silêncios... Transformar o bidimensional em uma experiência tridimensional. Integrar os diversos sentidos e as percepções sensoriais que cintilam na tela, pela construção de um processo transmodal (Mendes de Almeida, 2020; Stern, 1992), tão presentes nas relações iniciais como descrevi no início.

Capacidade de convocação: Com alguns pacientes, especialmente as crianças, foi necessário fazer uso de ferramentas como teatro com as mãos/fantoches e do que Anne Alvarez chama de convocação, quando certos estados mentais demandam uma ação mais intensa e uma insistência vitalizante, em que o pulso e o tom de nossas vozes mudam em momentos de urgência para "recuperarmos" nossos pacientes para o mundo do significado (Alvarez, 1994).

A *função narrativa*, derivada da função α e da capacidade de *rêverie*, se presentifica no trabalho analítico on-line. Essa função implica em uma postura ativa e convocadora (reclamadora/investidora) no sentido de oferecer ao paciente continência emocional e sonora, de emprestar emoções, pensamentos, significados, representação, proporcionando-lhe uma nova

experiência emocional, organizadora de sentido e favorecedora de conhecimento. Essa função implica uma qualidade psíquica do analista de elaborar as identificações projetivas e/ou adesivas e processá-las, utilizando os ecos transferenciais e contratransferenciais experienciados no campo analítico, trabalhando com os pensamentos oníricos com imagens visuais, como nos sonhos e nos devaneios (Silva, 2013; 2016).

Experiência clínica on-line

Diga o que quiser sobre as maravilhas da tecnologia, mas tela a tela é, como disse uma colega uma vez, "igual fazer terapia usando camisinha". Não se trata apenas das palavras que as pessoas dizem, ou mesmo dos sinais corporais que os terapeutas percebem na pessoa: o pé balançando, o sutil repuxar do rosto, o tremor do lábio inferior, os olhos estreitando-se de raiva. Além de escutar e ver, existe algo menos tangível, mas igualmente importante: a energia na sala, o estar juntos. Você perde aquela dimensão indescritível quando não está compartilhando o mesmo espaço físico. Também existe a questão das panes. Certa vez, eu estava em uma sessão por *Skype* com uma paciente, que estava temporariamente na Ásia, e justo quando ela começou a chorar histericamente, o som saiu do ar. Eu só via sua boca se mexendo, mas ela não sabia que eu não conseguia escutar o que dizia. Antes que eu pudesse esclarecer isso, a conexão caiu por completo. Foram precisos dez minutos para reiniciar o *Skype*, e a essa altura não apenas o momento tinha passado, como também nosso tempo havia se esgotado. (Gottlieb, 2020, p. 153-4)

Concluo com vinhetas clínicas que, apesar de não ter toda a experiência de leitura corporal presente na sala de análise, o encontro analítico e a experiência emocional têm sido possíveis.

Situação clínica com um jovem adolescente

No início da pandemia, recebi para análise um adolescente, inteligente e desenvolvido, com um contato fino com seus movimentos emocionais, mas bem angustiado diante do isolamento social e frente à necessidade de re-afirmar todos seus projetos de autonomia e independência.

Encontro-o pelo *face time* e vejo um homem, ainda um pouco imberbe, mas forte e com desenvoltura para se comunicar pela tela com alguém com quem se encontrava pela primeira vez. Ele se queixa: *eu não sinto nada*. Gagueja: *acho que sou chato, certinho demais, sinto medo de tudo... acho que estou deprimido... eu me sinto bem triste*.

Em seguida ele me contou um sonho que anuncia os conflitos que clamavam por significados. Ele está dormindo, e ao lado de sua cama tem um *bowl* com leite e sucrilhos, em que ele bate e esparrama tudo. Sua cama começa a pegar fogo. Relata que durante o sonho ele vê tudo esparramado, a cama pegando fogo, e quando vai contar para seus pais, eles não dão a menor atenção. Acorda assustado.

O sonho ilustra o trânsito que ele deve atravessar na adolescência, um trajeto que reativa a primeira infância como um desafio a ser enfrentado. Vamos associando o *bowl* com penico, leite do bebê, a fralda, o xixi que escapa como a poluição noturna, tudo esparramado. A cama pegando fogo ligada às questões sexuais, ao desejo sexual que aflora e pega fogo por dentro. Assim iniciamos o trabalho e fomos construindo um universo comum para o trabalho analítico se aprofundar.

Durante o processo analítico, outros sonhos surgiram, ilustrando a riqueza das negociações vividas no mundo interno, próprias da adolescência. Os elementos principais dos sonhos se relacionam com as vivências emocionais diante dos rituais de passagem da infância para a vida adulta:

Ele está em uma loja de produtos esportivos e, de repente, vê em um corredor, embaixo de uma escrivaninha, uma caixa de brinquedos usados e reconhece que eram seus brinquedos de infância. Pensa que são dele e se pergunta se, sendo seus, poderia pegá-los. Quando pensa em pegar, fecha-se uma tampa sobre a escrivaninha, impedindo-o de ter acesso.

Com pesar, ele vai me falando de sua infância e da saudade dos brinquedos dos quais sua mãe insistiu para que se desfizesse, ao mesmo tempo em que reconhece que hoje esses brinquedos já não têm sentido.

Em outro sonho, está com um amigo de infância contando que estava grávido: *era uma transa ao contrário. O homem tem útero e um lugar para ser penetrado por uma mulher, que ejaculou um óvulo!!!*

Ele ficou muito assustado com a imagem que produziu no sonho. Apesar de sentir que posso fertilizá-lo para gerar novos bebês/pensamentos, há uma negação da importância de cada um... Há um medo de depender emocionalmente.

Aqui está presente a fantasia onipotente de que pode ser tudo, sem considerar a importância do objeto e a participação do outro na construção do sentimento de si mesmo, da própria identidade. Ao mesmo tempo, sente que há coisas novas sendo germinadas, reconhece a importância do nosso trabalho, mas se apropria por identificação projetiva, sem reconhecer a importância do objeto.

Quando houve uma diminuição dos casos de COVID-19, ele me pediu uma sessão presencial. Excepcionalmente decidi recebê-lo no consultório. Ao encontrá-lo na sala de espera, deparei-me com um jovem franzino, pequeno e magro, com uma fragilidade que contrastava com o discurso desenvolvido e articulado e com a imagem que construí pela tela. Foi impactante. O corpo, ausente na tela, fez-se presente. Isso não impediu que tivéssemos um encontro produtivo, mesmo porque esse impacto estético me foi útil enquanto um elemento contratransferencial, que me informou sobre vivências arcaicas e não verbais que estavam sendo revividas por ele em suas relações afetivas.

Essa vivência contratransferencial expressa um dos temas que nos confronta no atendimento on-line, que desafia o pensamento e ainda demanda reflexão: a ausência do corpo. Se no *setting* presencial várias

percepções são integradas pouco a pouco: no telefonema do primeiro contato, na forma como o paciente se apresenta na primeira entrevista, na observação de seu andar e de seus gestos a cada contato; no *setting* on-line a corporeidade se apresenta de outra forma e nos desafia a tomá-la em consideração, para além do intrapsíquico.

O corpo carrega em si o mundo pré-verbal com suas origens e suas funções comunicativas estabelecidas nos primórdios da vida intersubjetiva, ávido pela busca de uma relação de intimidade e afetiva com o outro. O *setting* on-line vai interferir nessa comunicação pré-verbal, na qualidade do vínculo (sem a presença do corpo), o que nos desafia a manter em mente que o virtual não é o real.

Esse impacto estético⁷ com meu jovem paciente me colocou em contato com a complexidade do meio virtual distante do que nós conhecemos como realidade ou realidade psíquica. Imaginava que tinha uma captação mais global de meu paciente, como se estivesse percebendo um corpo real e presente. De repente, surpreendi-me no espaço do *simulacro*⁸: é verdadeiro, mas não é real (Calich, 2020; Meyer, 2021).

Quando o encontrei ao vivo e a cores no *setting* presencial, o campo da relação transferência-contratransferência se materializou entre o real e a fantasia, proporcionando uma rede associativa mais próxima de fantasias arcaicas.

Situação clínica com uma criança

Em um trabalho recente, descrevi minha relação analítica com Beto, um garoto bem retraído, que ao nascer encontrou um mundo silencioso: sua mãe viveu uma depressão profunda e não contou com uma rede de apoio (Silva, 2020). Na sessão que descrevo, houve um encontro emocional muito vivo, característico de uma sessão presencial. Beto chega entusiasmado, vai direto para a casinha e pega os bebês, assim como outros bichinhos ou os filhos da casinha. Todos sobem as escadas e caem, ora do telhado, ora do segundo andar, ora do terraço. Tudo se desmantela como expressão de seu sofrimento psíquico.

⁷ Tanto Bion como Meltzer deram ênfase às qualidades estéticas do processo psicanalítico. Bion se deteve sobre a natureza da observação psicanalítica e do observador-observado. Para Meltzer, o processo psicanalítico é o objeto estético fundamental da observação, tanto para o analista quanto para o analisando. Nossas respostas estéticas em todas as áreas se baseiam no conhecimento original, primordial, adquirido pelo bebê, da primeira percepção da beleza do mundo tal como vista na mãe ou no seio como objeto combinado: "No princípio, era o seio, e o seio era o mundo" (Meltzer, 1975/1986, p. 204). Assim, o objetivo do encontro psicanalítico passa a ser o de restaurar ou de dar nova forma a quaisquer pontos de um crescimento frustrado ou tolhido (as "*misconceptions*" de Money-Kyrle), não através da ação direta do analista, mas pela facilitação de um contato renovado com as raízes mentais alimentadoras do método psicanalítico como objeto estético (Williams, 2008).

⁸ De acordo com Baudrillard (1981), o simulacro nunca é aquilo que esconde a verdade – é uma nova verdade que esconde o que não existe (Calich, 2020).

Durante esses momentos vou narrando (Silva, 2016) seus movimentos de uma forma muito simples: *sobe... sobe... ora o bebê, ora o gatinho, ora o menino... e tibumba... Ahhhh, caiu... depois tudo se repetia.*

Em um dado momento, ele se deteve aos dois bebês e repetidamente deixava-os cair da casinha. Cada um dos bebês subia pausadamente os degraus, e do segundo andar o bebê caía, caía e caía. Então, eu novamente narrava a cena: *o bebê está subindo a escada, 1, 2, 3, 4, 5... subiu e tibumba, caiu. Ahhhhh, caiu. Fez dodói? Então eu vou cuidar do bebê, pode deixar...* Enquanto cuidava do bebê que havia caído, acariciando e cantando cantigas de ninar, ele repetia o mesmo movimento com o outro bebê que também caía. Ele olhava para mim, pegava o bebê que eu estava ninando da minha mão, eu o devolvia, para tudo se repetir.

Então passei a chamar o bebê de Beto, a cada cena que se repetia, dizia: *Ahhh, o Beto caiu, vem cá Beto (pegando o bebê em minha mão,) eu vou cuidar de você... ahhh, você caiu... Sabe, Beto, a Cecília está aqui e vai cuidar de você, não vou deixar você sozinho...* E cantei para embalar esse bebê/Beto que a todo momento se desmantelava. Beto olhou para mim com aquela sensação de ter realizado uma experiência emocional de um tempo sem palavras e ele veio em minha direção e me abraçou e se aconchegou em meu colo. Eu retribuo o abraço e digo que estou ali para cuidar dele. Fico emocionada ao me aproximar de vivências tão primitivas e com a possibilidade de que Beto venha a descobrir um mundo novo a partir do encontro emocional com um objeto vivo e continente.

Essa vinheta ilustra um encontro emocional e íntimo, em que estão presentes o corpo, as comunicações verbais e não-verbais, as vivências de desmantelamento e um investimento contínuo e presencial, em que procurei me apresentar como um objeto vivo em um mundo interessante.

Como contraponto a esse trabalho, relato a experiência on-line com uma menininha que já estava em análise, há um ano, com três sessões semanais. Ela iniciou sua análise, com 1 ano e 5 meses, logo após o nascimento de seu irmão, quando apresentou um retraimento expressivo. Com a pandemia, mantivemos as 3 sessões semanais, on-line, mas tivemos que adaptar o *setting*. Os atendimentos passaram a ser no quarto dela junto com a babá, que é uma ótima coterapeuta. Nas primeiras sessões on-line, como uma espécie de ponte, reapresentava na tela os brinquedos de sua caixa, velhos conhecidos de nossos encontros. Aos poucos, porém, passei a brincar com o que tinha em nosso novo *setting*. Geralmente sua babá preparava o novo *setting* com uma casinha cheia de móveis, bonequinhos de Playmobil, animais da fazendinha, às vezes com massinha, papel e lápis de cor, livrinhos e ou quebra-cabeça, jogo da memória... Pedi para que sempre fossem os mesmos, mas nem sempre isso tem sido possível.

Durante as sessões ela brinca com a casinha... explora os móveis... coloca a família para dormir... a babá e eu vamos narrando... e amplificando seus movimentos... Ela também pega o fogão e prepara comidinha para a

família e os animais... às vezes me oferece na tela, **e faço som de deglutir**, e ela se encanta e me oferece mais... tem um homem da fazenda que faz queijo, e ela oferece para os bichinhos, para a babá e para mim. É um movimento muito delicado, que ainda carece de mais intencionalidade.

É comum ela sair do chão e ir para a janela. Olha o movimento da rua e me conta o que observa. A babá me ajuda a ver: cachorro, crianças brincando, pedestres, bicicletas, carros de todas as cores, caminhões ou mesmo uma funcionária da casa chegando para trabalhar.

Há um intercâmbio entre as duas janelas: a janela da tela e a de seu quarto. Quando a minha presença na tela é próxima ou intensa demais, é comum ela recorrer à janela do quarto, como um intervalo ou um turno necessário diante da presença do objeto. Geralmente assinalo que ela está podendo compartilhar as duas janelas: a de seu quarto e a do celular. Assim ela me apresenta um pouco de seu mundo e vamos construindo intervalos e pontes.

Ao contrário dos brinquedos típicos de uma caixa de ludo, introduzi na tela fantoches grandes para dialogar com as crianças, pois no trabalho on-line são necessárias mais teatralização e maior amplificação de cada movimento, para convocar e sustentar o vínculo analítico.

Lara, que adorava a Pepa, inspirou-me a trazer um fantoche porquinho que passou a ser lembrado a cada sessão:

Lara: Oi, Cecília, cadê o porco?

Então chamamos o porco... "porcooo..." amplifico um pouco a palavra com sonoridade... "porcoooo... ihhhh, cadê..." apareço com o porco na tela... com uma voz mais grossa digo:

M.C.: Oi, Lara, tudo bem?

Ela olha e observa a bola na boca do porco e diz "olha a bola". A babá repete: "o porco está com a bola, Lara...", e ela diz "bola...". Sobee na cama e vai para a janela e pede: Abi...

M.C.: Ah, vamos olhar a janela... Tem uma janela aí para olhar para fora. Tem a janela daí e a janela que você vê a Cecília aqui, né Lara?

Lara: Que baulho é esse?

E a baba repete: Que barulho é esse?

Lara: Bulância...

Penso como ela está podendo sair de seu retraimento. Parece que agora pode enxergar o mundo a sua volta com novos olhos. Então ela se lembra do porco...

Lara: Cadê poco, Cecília? Cadê poco?

Fico pensando como ela mantém todo o tempo um olho na janela do seu quarto e outra na janela do Zoom. Será que começa a pensar em dois trilhos, como aponta Anne Alvarez (1994) a partir de Bruner (1968)? Eram esboços de movimentos intersubjetivos e compartilhados.

M.C.: Onde ele foi? Ahhhh, ele sumiu... Olha só, ele vai voltar... (porco aparece novamente) Oi, oi. Voltei! (falo com voz mais grossa)

Lara: Olha ali! Olha aí, Dani!

M.C.: Nossa, quanta coisa que você consegue ver por essa janela... (Vou narrando.) o sol... a ambulância... o au au... tem carro preto... a bicicleta... menino... a moto... a menina... todo mundo chegando na nossa história...

De tempos em tempos, ela pergunta do porco, às vezes parece uma ecolalia, às vezes parece uma descoberta dos sons que emite, às vezes parece que quer saber se estamos ali – eu e o porco...

Ela está conectando tudo ao mesmo tempo, a linguagem, a percepção, o reconhecimento, o dentro e o fora, o entre, o elevador... e repete como uma forma de integração... surgem movimentos proto-transferenciais lançados ao campo com senso de si e do outro (Stern, 1992), em construções que vão favorecendo a diferenciação Lara-Cecília.

M.C.: Quantas coisas que você vê... está descobrindo... está juntando? A Cecília, o porco, a moto, o carro... tudo vai chegando na nossa conversa...

Lara: Cadê o paco, Cixilia?

Observo como ela manteve em mente essa experiência de encontro com o porco e relembra, algo que fica, diferente de tudo que passa pela rua e se vai, assim como dos brinquedos espalhados pelo chão do quarto...

M.C.: Vamos procurar? (Brincamos de esconde-esconde na tela.) Ele está escondido... ih, será que ele vai aparecer? Oh! Oh! Apareceu. Oi, Lara! (Falo com voz mais grossa).

Estamos na hora. Lara manda beijo para o porco. Agradeço e me despeço.

Cintilando

Diferentemente da experiência com Beto, com Lara minha conexão com os estados mais arcaicos de mente, de um tempo sem palavras, nas sessões on-line, tem sido diferente. Como assinaei acima, utilizei ao máximo minha capacidade narrativa e de dramatização, amplificando meus movimentos faciais, minha voz e até mesmo os brinquedos utilizados. Assim procurava convocá-la para o novo, o inesperado, algo que a surpreendesse. Recentemente sua capacidade intersubjetiva se ampliou, e ela me encontra na tela de outra forma. Ela me reencontra e me reconhece com vivacidade e com um olhar cintilante.

Brincamos de esconde-esconde e de pega-pega. É esperançoso observar o trabalho on-line ganhando dimensões tridimensionais, com corpo, espaço e divertimento, pois agora já é possível um brincar compartilhado.

Perplexa pela nova qualidade de nossa interação, desde o face a face até as trocas verbais com muitas gargalhadas, meus olhos se enchem de lágrimas. Resgatar uma criança recolhida em seu próprio universo para a descoberta de um mundo interessante e para a curiosidade por um objeto vivo é muito próximo do encontro com a beleza estética de uma poesia, obra de arte ou da música.

Então, ela descobre que pode mexer na tela, ligar e desligar a câmera, desligar o próprio celular, há um senso de agência⁹ em que ela comanda nosso encontro. Ela ri e se regozija!!! Lara some e aparece na tela. Eu também. E ela se sente potente! Finalmente ela me descobriu, o face a face se estabeleceu, o belo e o encontro com o objeto estético se deram, chorei ao viver essa cena! Curiosamente o porco-corpo, um anagrama, deu volume a nossa relação, favorecendo uma dimensão tridimensional e intersubjetiva ao encontro analítico.

Com alguns de nossos pacientes, é preciso despertá-los para o fato de que a alteridade pode ser interessante! Pergunto-me se a distância proporcionada pela tela não foi um facilitador para que esse momento pudesse eclodir, de tal forma que a presença e o encontro com o objeto fossem toleráveis. De qualquer forma, com Lara, assim tem sido possível transpor seus estados de retraimento, e alcançarmos um encontro intersubjetivo com trocas compartilhadas.

A partir do encontro emocional e do encontro com a beleza estética do objeto, fui criando esse espaço psíquico "cintilante" na relação com Lara. Assim, espero ter compartilhado como com paixão, capacidade de pensar, de sonhar e de imaginação, e compromisso com a verdade, tem sido possível que o fazer psicanalítico se mantenha vivo nesse momento tão difícil em que vivemos.

Referências

- Alvarez, A. (1994). *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças com autismo, borderline, carentes e maltratadas*. Tradução: Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Baranger, W., & Baranger, M. (1962). La situación analítica como campo dinámico. *Rev. Uruguaya Psicoanal*, 4(1), 3-54.
- Bick, E. (1967). Notas sobre la observación de lactantes en la enseñanza del psicoanálisis. *Rev. Psicoanal (Buenos Aires)*, 24 (1), 97-115. (Original publicado em 1948).
- Bick, E. (1991). A experiência da pele em relações de objeto arcaicas. In: M. Klein. *Desenvolvimento da teoria e da técnica*. vol. 1 (pp. 194-198). Rio de Janeiro: Imago Ed. . (Original publicado em 1968).

⁹ Favorecimento de um senso de agência: Um estado de mente disponível a receber e a registrar impactos emocionais, a fornecer continuidade, e a amplificar até mesmo mínimas tentativas de contato emocional, favorece o desenvolvimento de um "se sentir agente" (Alvarez, 1992/1994), ampliando a experiência da criança de evocar algo em alguém, de ter suas manifestações recebidas por alguém, pensadas por uma mente e transformadas em unidades interacionais gradualmente integradas que podem lentamente ir construindo uma experiência interpessoal. Observar nossas próprias respostas ao impacto emocional do que nós vemos, ouvimos e vivenciamos (vivência contratransferencial) constitui-se num instrumento extremamente valioso para conseguir acesso ao mundo interno da criança (Batistelli & Amorim, 2014).

- Bion, W. R. (1990). Una teoría del pensamiento. In: W. R. Bion. *Volviendo a pensar* (pp. 151-164). Buenos Aires: Ediciones Horme S.A.E. (Original publicado em 1962).
- Bion, W. R. (1997). *Taming Wild Thoughts*. Inglaterra: Routledge. (Original publicado em 1977).
- Bion, W. R. (1979). Como tornar proveitoso um mau negócio. *Revista Brasileira de Psicanálise* (São Paulo), 13(4), 467-478.
- Baudrillard, J. (1981). *Simulacres et simulation*. Paris: éditions Galilée.
- Bruner, J. (1968). *Processes of Cognitive Growth: Infancy*. Worcester: Clark University Press.
- Calich, J. C. (2020). Trabalhar Remotamente. *Revista Conteúdo Psi* (São Paulo), 2(2), 21-28.
- Ferro, A. (2000). Narrações e interpretações. In: A, Ferro. *A psicanálise como literatura e terapia* (pp. 17-32). Tradução: M. Petriccioni. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1966). *Beyond the pleasure principle*, Standard Edition XVIII. London: Hogarth. (Original publicado em 1920).
- Golse, B. (2003). *Sobre a psicoterapia pais-bebê: narrativa, filiação e transmissão*. São Paulo: Casa do psicólogo.
- Golse, B. (2005). *Os destinos do originário – Intervenção inicialmente planejada no âmbito do Congresso Nacional*. Paris: Espace Pierre Cardin.
- Gottlieb, L. (2020). *Talvez você deva conversar com alguém: uma terapeuta, o terapeuta dela e a vida de todos nós* (pp. 153-154). Tradução: Elisa Nazarian. São Paulo: Vestígio.
- Haag, G. et al. (2008). Avaliação psicodinâmica de mudanças em crianças com autismo sob tratamento psicanalítico. In: *Livro Anual de Psicanálise*, tomo XXI (pp. 137-153). São Paulo: Escuta Ed.
- Houzel, D. (1999). Identificação introjetiva, reparação, formação de símbolos. São Paulo: SBPSP. (Original publicado em 1991).
- Hobson, P. (2004). Before thought. In: P. Hobson. *The cradle of thought*. Reino Unido: Pan Books.
- Klein, M. (2004). Notas sobre alguns mecanismos esquizoides. In: M. Klein. *Inveja e Gra-tidão* (pp. 17-43). Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1946).
- Klein, M. (1952). Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. In: *The Writings of Melanie Klein*, vol. 3. London: Hogarth.
- Lebovici, S. (1986). À propos des consultations thérapeutiques. *Journal Psychanalyse de l'Enfant*, 3,135-152.
- Lebovici, S. (1991). Des psychanalystes pratiquent des psychothérapies bébés-parents. *Rev. Franç. Psychanal.*, 56, 733-857.
- Lebovici, S. (1993). On intergenerational transmission: From filiation to affiliation. *Infant Mental Health Journal*, v. 14, n. 4, 260-72.
- Lins, I. (1980). Novo Tempo [Gravada por Ivan Lins]. In: *Novo Tempo* [LP]. EMI Odeon.
- Meltzer, D. (1979). La psicología de los estados autistas y de la mentalidade posautista. In: Melzer, D. et al. *Exploracion del autismo: um estúdio psicoanalítico* (pp. 27-39). Buenos Aires: Paidós Ed. (Original publicado em 1975).
- Meltzer, D. (1986). Identificação adesiva. *Jornal de Psicanálise*, 19 (38). (Original publicado em 1975).
- Meltzer, D. (1984). La distinction entre les concepts d'identification projective (Klein) et de contenant contenu (Bion). *Revue française de psychanalyse*, 2, 551-569.

- Meltzer, D. (1984). *Dream-Life: A Re-examination of the Psycho-analytic Theory and Technique*. London: Clunie Press.
- Meltzer, D. (1992). *The Claustroom*. London: Harris Meltzer Trust and Karnac.
- Meltzer, D., & Harris, M. W. (1990). *La aprehensión de la beleza*. Buenos Aires: Spatia.
- Mendes de Almeida, M. (2020). Pandemia e trabalho psicanalítico, do presencial ao remoto. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 54(3), 65-80.
- Meyer, L. (2021). *Notas sobre Atendimento à Distância*. Trabalho não publicado.
- Prat, R. (1992). O diálogo das emoções. *Jornal de Psicanálise*, 25(48), 129-158.
- Prat, R. (2019). *Ações interpretativas*. Apresentação em seminário temático na SBPSP.
- Roussillon, R. (2015). Para introduzir o trabalho sobre a simbolização primária. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 49(1), 33-46.
- Roussillon, R. (2019). *Manual da prática clínica em psicologia e psicopatologia*. Tradução: Paulo Sérgio de Souza Jr. São Paulo: Blucher.
- Silva, M. C. P. (2013). Uma paixão entre duas mentes: a função narrativa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 47(4), 69-79.
- Silva, M. C. P. (2016). The Analyst's Narrative Function: Inventing a Possibility. *International Journal of Psychoanalysis*, 98 (1), 21-38.
- Silva, M. C. P. (2017). A caixa lúdica do analista: uma reflexão sobre mudanças na teoria da técnica. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(4), 71-88.
- Silva, M. C. P. (2019). Da observação à intimidade mãe-bebê. In: N. A. F. França (org.). *Observação de bebês – método e aplicações*. São Paulo: Editora Blucher.
- Silva, M. C. P. (no prelo). Só... Solidão... Fronteiras entre a curva e a reta. *Jornal de Psicanálise* (São Paulo).
- Silva, M. C. P. & Batistelli, F. M. V. (2018). Intervenção nas relações iniciais pais e filhos: o susto diante do diagnóstico de autismo. In: D. B. Wanderley & M. Leitgel-Gille (org.). *A intervenção a tempo em bebês com risco de evolução autística*. Salvador: Editora Agalma.
- Stern, D. N. (1991). *Diário de um bebê: o que seu filho vê, sente e vivencia*. Tradução: Daise Batista. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Stern, D. N. (1992). *O mundo interpessoal do bebê: uma visão a partir da psicanálise e da psicologia do desenvolvimento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Trevarthen, C. (2011). Desenvolvimento da intersubjetividade no primeiro ano de vida. In: M. C. Laznik & D. Cohen (org.). *O bebê e seus Intérpretes: clínica e pesquisa*. São Paulo: Instituto Langage.
- Williams, M. H. (2008). *O desenvolvimento estético: Bion, meltzer e o espírito poético da psicanálise*. Trabalho apresentado no Encontro internacional: O pensamento vivo de Donald Meltzer, São Paulo, SP.
- Winnicott, D. W. (1958). Transitional objects and transitional phenomena. In: D. W. Winnicott. *Collected Papers: Through Paediatrics to Psycho-analysis* (pp. 229-242). London: Tavistock.
- Winnicott, D. W. (1994). O valor da consulta terapêutica. In: C. Winnicott, R. Shepherd, & M. Davis. *Explorações psicanalíticas: D. W. Winnicott* (pp. 244-248). Porto Alegre: Artes Médicas. (Original publicado em 1965).